

Existem teuto-russos no Brasil?

*René E. Gertz**

Convocado a participar desta mesa-redonda para apresentar algo sobre “teuto-russos” no Brasil, desisti da idéia inicial de fazer uma pesquisa minimamente sistemática sobre o tema. Essa intenção derivava do meu interesse pela história da imigração alemã em geral e do fato de que meus quatro avós foram “teuto-russos”, isto é, imigrantes que vieram ao Brasil como cidadãos russos, ainda que com tradição cultural alemã.

De forma sincera, devo confessar que não tive tempo de fazer essa pesquisa. Por isso, resolvi tecer apenas alguns comentários muito pessoais, baseados em vivências próprias e em algumas fontes absolutamente secundárias. Viso, portanto, muito mais à indicação de algumas pistas a serem verificadas em possíveis estudos futuros, do que à apresentação de conclusões, de resultados pesquisados.

Uma primeira questão a ser tematizada refere-se à própria adequação ou não de estatuir os “teuto-russos” no Brasil como objeto de análise. Nós certamente estamos corretos se estatuímos como objeto de pesquisa uma entidade designada com expressões como “alemães no Brasil”, “teuto-brasileiros” ou algum outro termo equivalente. Isso porque há uma visibilidade geográfica, física, econômica, política, cultural envolvendo setores populacionais derivados do processo de imigração vinda da Alemanha, desde a década de 1820. Essa visibilidade é objetiva, com regiões claramente delimitadas por uma população entre a qual predomina determinada cor de pele, determinado tipo físico, mas também com estruturas de propriedade características, derivadas da forma de ocupação do espaço. E também temos uma visibilidade subjetiva, que pode consistir tanto numa identidade autoatribuída quanto numa identidade atribuída pela população que constitui o entorno.

Especialistas sabem que os “alemães no Brasil” não são homogêneos, que se diferenciam quanto à origem regional, na Alemanha (pomeranos, westfalianos, *hunsrückerianos* etc.), mas também quanto ao tipo de inserção ecológica. Eles podem ter sido urbanos, na Alemanha, e se tornado rurais, no Brasil, ou vice-versa, terem sido

* Professor nos Departamentos de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

estabelecidos, aqui, em “colônias mistas” ou em “colônias homogêneas”. Isso pode ter consequências para uma análise que se pretende científica, acadêmica, mas certamente passa despercebida para a maioria das pessoas comuns, que se referem a todos eles, indistintamente, como “alemães”, atribuindo-lhes, eventualmente, qualidades e/ou defeitos comuns. Há casos em que só um estudioso muito especializado chega a ter consciência das diferenças entre duas ou mais comunidades ou regiões. Pode-se imaginar que duas localidades constituídas de “alemães no Brasil” sejam absolutamente iguais a partir de uma série de indicadores físicos, de indicadores econômicos, sociais, de indicadores políticos, culturais, e só um linguista treinado consegue notar uma distinção entre as formas de falar.

Essa é a questão que me preocupa. Em que medida faz sentido falar de um objeto histórico chamado “teuto-russos” no Brasil? Certamente, algumas autoridades brasileiras do tempo em que migraram para cá pensavam e falavam em trazer “alemães” para o país, e, da mesma forma, a opinião pública brasileira, até hoje, se refere a eles como tais, ignorando a especificidade de serem adjetivados de “teuto-russos”. Inversamente, há referências de autoridades e do senso comum que os classificam como “russos”. Assim, existem até livros com estudos bastante específicos sobre “alemães” em certos estados que não fazem referência a “teuto-russos”, ainda que eles se tenham estabelecido ali. Um exemplo é um livro de Werner Aulich, do início da década de 1950, chamado *Alemães no Paraná*, que possui um subtítulo que justamente sugere a busca por peculiaridades, e que é o seguinte: “Ensaio histórico e *caracterológico*”. Mas os únicos “alemães” com alguma especificidade ali referidos com certo vagar são os suábios do Danúbio e os menonitas.¹

Os suábios do Danúbio são descendentes de alemães que haviam feito parte de uma política de colonização da monarquia austro-húngara, cujas áreas de assentamento passaram a pertencer à Hungria, à Romênia e à Iugoslávia, depois da Primeira Guerra Mundial. Durante a Segunda Guerra Mundial, essas populações sofreram forte repressão política e cultural, transformando-se, depois dessa guerra, em refugiados – e uma parte deles veio parar em Entre Rios, Guarapuava, no Paraná. Esse era um episódio recente, na época da publicação do livro – e talvez por isso tenha sido recordado. Os menonitas, por sua vez, podem ter chamado a atenção do autor por razões religiosas, mas, especialmente, por razões

¹ AULICH, Werner. *O Paraná e os alemães: estudo caracterológico sobre os imigrantes germânicos*. Curitiba: Comissão de Festas do Grupo Étnico Germânico do Paraná, 1953, p. 44-48.

econômicas. Ele escreveu: “... todas essas unidades pequenas já podem ser consideradas empresas lavradas, mormente em vista de sua estruturação econômica, baseada numa cooperação modelar. De resto, os menonitas de há muito vem aplicando a chamada ‘agricultura inglesa’ – limitação e eliminação da terra inculta, emprego de adubos, estabulação, isto é, uma agricultura de tipo racional”.² Como se vê, a aparente razão central para uma referência a eles é um fator econômico – e não fatores etnicoculturais ou mesmo religiosos.

A constatação nos permite dizer que, ao menos nesse livro, o autor não se preocupou em apresentar e analisar uma entidade chamada “teuto-russos”. E isso justifica a preocupação com sua existência, com a validade de se perguntar se eles existem e se representam algum diferencial que merecesse ser evidenciado, analisado? Será que esse qualificativo traz alguma contribuição para os estudos que tentam avaliar a importância de “alemães” e/ou dos próprios “russos” no Brasil?

Se respondo afirmativamente a essa indagação, isso se deve ao fato de que parto do pressuposto de que, de fato, existem algumas especificidades que caracterizam populações originárias de uma imigração “teuto-russa”, que podem e devem ser destacadas. Quero antecipá-las, para depois apresentar alguns escassos detalhes. Destaco, no mínimo, três aspectos que merecem atenção: 1º) vivências em país diferente daquele de origem, antes de chegar ao Brasil, isto é, migrantes que fizeram uma migração anterior àquela de chegada ao Brasil; 2º) certa peculiaridade no próprio tipo de pessoas que saiu da Alemanha para a Rússia, significando que a migração para aquele país incluiu contingentes com alguma peculiaridade – vou destacar, em especial, peculiaridades religiosas; 3º) diferentes levadas vindas para o Brasil tiveram diferentes motivações para migrar para cá, as quais os distinguem dos “alemães” em geral, mas também os distinguem entre si; aqui se trata de mostrar que a motivação de sair da Alemanha para a Rússia pode ter sido uma, mas a saída da Rússia para o Brasil pode ter sido bem outra, dependendo da época dessa migração, diferenciando esses imigrantes pela cronologia.

Definidas essas preliminares, comecemos com algumas poucas informações sobre o deslocamento de alemães da Alemanha para a Rússia. Durante o reinado de Catarina II, na Rússia, que se estendeu de 1762 a 1796, foram tomadas medidas para atrair imigrantes

² AULICH, op. cit., p. 47.

alemães. A imperatriz prometeu que eles ficariam isentos de impostos por 10 anos, do serviço militar para sempre, incluindo seus descendentes, gozariam de liberdade religiosa, de autonomia cultural, de liberdade de locomoção, de facilidades para a aquisição de terras. Em períodos posteriores, ocorreram outras ondas migratórias e também remigrações dentro da própria Rússia, dando origem a várias regiões de colonização alemã. Mas não há dúvida de que duas delas possuem um significado especial para a migração “teuto-russa” ao Brasil, a dos assim chamados “alemães do Volga” e a dos “alemães da Volínia”. O primeiro grupo estabeleceu-se numa Rússia mais profunda, numa região que ainda estava em processo de integração no império russo, não muito distante das fronteiras do sul com o mundo asiático, tendo sofrido, por isso, com os desafios resultantes da fragilidade do Estado russo, na região, e da presença de grupos nômades, que, muitas vezes, faziam incursões aos seus povoados.

As promessas feitas aos imigrantes de isenção do serviço militar enquanto “alemães”, mesmo para as gerações nascidas em território russo, a garantia de liberdade e de autonomia cultural e religiosa, mais essas frequentes hostilidades vindas dos citados grupos das vizinhanças fizeram com que a unidade e a identidade dessa população se mantivessem por muitos anos, até a primeira crise, cerca de 110 anos após o estabelecimento inicial – isto é, no intervalo entre as décadas de 1760 e 1870. A consequência foi a consolidação de colônias homogêneas, tanto do ponto de vista étnico quanto também do ponto de vista religioso.

A liberdade religiosa prometida e garantida pelo governo russo, mais a possibilidade de autogoverno trouxeram consigo justamente uma complexificação maior dessa população do que aquela que existia dentro da própria Alemanha. Dessa forma, grupos religiosos minoritários, cujo espaço de manobra dentro de uma Alemanha dividida em duas grandes confissões reconhecidas e prestigiadas pelo poder estatal era limitado, foram atraídos para a região. Nesse sentido, a tradicional dicotomia religiosa alemã entre católicos e protestantes “tradicionais”, representados por luteranos e calvinistas, foi ampliada, na Rússia, com a presença de outras confissões, como a dos menonitas. A promessa de liberdade cultural e religiosa atraiu e favoreceu em especial este último grupo, os menonitas, tendo em vista que sua doutrina e prática religiosa se caracteriza por certa tendência em evidenciar seu caráter

peculiar, sua preferência por comunidades rurais separadas e, ainda, uma relativa impermeabilidade à convivência com um mundo exterior mais secularizado.

Mas os menonitas não foram o único grupo religioso não-pertencente às grandes igrejas institucionalizadas. Ali também se estabeleceram batistas e outros grupos aparentados. Isso significava que comunidades religiosas que na própria Alemanha viviam em certo desconforto – quando não sob pressão, e, em épocas mais remotas, até haviam sido perseguidas – conseguiram estabelecer-se e viver suas peculiaridades em relativa liberdade, firmando sua identidade. Na comparação com o Brasil, um país no qual, desde sua constituição como país independente, vigora uma ideologia de integração e assimilação de imigrantes, a tolerância russa para com a manutenção das peculiaridades étnicas e religiosas foi tão marcante que ainda em 1924, portanto mesmo depois da instalação do regime soviético, foi constituída a República Soviética Autônoma Socialista dos Alemães do Volga, cujo idioma oficial era o alemão. A população dessa região, como um todo, era, então, composta de cerca de dois terços de “alemães”.

A configuração de colônias homogêneas também foi fortalecida pelo fato de que na Rússia vigorou, até o início da década de 1860, a servidão. Isso fez com que os “alemães” constituíssem um grupo socioeconomicamente diferenciado da massa da população russa, pois receberam terras, favorecendo sua diferenciação em relação à elite autóctone, mas, sobretudo, em relação aos russos em geral. Ainda que, obviamente, houvesse relatos de pobreza e de miséria entre os “alemães”, não há dúvida de que, como grupo, apresentassem um grau de desenvolvimento tecnológico relativamente mais elevado. Poderia dizer-se que constituíam uma “elite modernizante”.

A segunda região de uma densidade populacional de origem alemã relativamente grande na Rússia foi a Volínia, localizada mais ao norte, em território que pertence atualmente à Ucrânia. Ainda que, evidentemente, haja muitas semelhanças entre a colonização com alemães nas margens do Volga e esta última região, existem também algumas pequenas diferenças, que não podem ser ignoradas. Há, inicialmente, registros da presença de alemães menonitas, desde o começo do século XIX, e, no decorrer dos decênios seguintes, também outros alemães foram migrando para a região. Mas foi, sobretudo, a partir da década de 1860 que a migração para lá assumiu um caráter mais intenso. Isso se deveu a alguma instabilidade na Polônia, onde também se localizava uma

população de origem alemã, parte da qual migrou para a Rússia, e ao fato de que, neste momento, ocorreu o final da servidão neste último país. Esta medida abalou a estrutura socioeconômica local, com os latifundiários russos entrando em crise. Uma das consequências foi a disponibilização para a venda ou então para o arrendamento de terras aos colonizadores alemães. O próprio governo russo apoiou a vinda de imigrantes. Com isso, houve uma expansão sensível de “colônias alemãs” na região. Alguns números ilustram o aumento da população alemã na região – de cerca de 6.000, em 1863, aumentaram para 28.000, em 1871, para 102.000, em 1889, 124.000, em 1904, atingindo 200.000, em 1914.³

Numa situação talvez comparável à brasileira em suas regiões mais típicas de imigração e colonização com imigrantes centro-europeus, primeiro nos estados de Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e, depois, com as migrações para outros estados, com a manutenção de uma estrutura de propriedade semelhante, essa população foi responsável pelo surgimento de uma nova camada social intermediária entre a população local. “As condições sociais nas colônias eram excepcionalmente boas, não existia classe superior nem proletariado, os jovens de colônias de arrendamento mais pobres iam trabalhar naquelas em que havia proprietários, conseguiam poupar algum dinheiro, e, com alguma frequência, conseguiam ser proprietários também”.⁴ Com isso, a população de origem alemã da região podia ser classificada como predominantemente pertencente a uma classe média rural relativamente bem situada.

Mesmo que não se pudesse falar, em absoluto, de uma “assimilação” dos “alemães” na Volínia, e mesmo que aqui quase todos fossem protestantes, em meio a uma população não-protestante, essas colônias se distinguiram significativamente das do Volga justamente naquilo que tange à inserção entre as populações envolvidas, pois os contatos foram, aqui, bem mais intensos e diversificados que lá. Os próprios grupos que constituíam a população envolvente eram bastante ecumênicos, pois provindos de origens e influências muito diversificadas. A região localizava-se nos limites da Polônia, e muitos dos “alemães” tinham vivido na própria. A região registrava, ainda, um número considerável de judeus,

³ Emma Evgrafova (Klepps). Die Wolhyniendeutschen. Disponível em http://www.kulturbruecke.kspu.ru/die_wolhyniendeutschen.htm A autora cita como fonte de seu texto: Friedrich Rink. *Heimatsbuch*, 1959. Stuttgart.

⁴ Ibid.

sendo, portanto, uma zona de confluência de povos e de culturas muito diferentes, mas de tradição secular. E é dentro desse caldo que se constituiu a mentalidade dessa gente. Assim, só para dar um exemplo dos efeitos dessa inserção numa realidade ecumênica, uma autora escreveu que “havia, na Volínia, muitos alemães que não só dominavam sua língua materna (alemão clássico ou dialeto), mas também, de forma perfeita, todas as cinco línguas regionais”.⁵ Nesse sentido, o autor destas linhas sempre brincou com suas filhas cobrando delas bom conhecimento de, no mínimo, quatro línguas, já que duas bisavós das moças, analfabetas, imigradas da Volínia, dominavam, de forma perfeita, três línguas: alemão, polonês e russo.

Além dessas duas regiões de colonização alemã mais densa, há, naturalmente, registros sobre “alemães” espalhados por várias outras áreas, dentro do império russo, incluindo as profundezas da Sibéria. Mas naquilo que tange ao nosso interesse, que é o da vinda de “teuto-russos” para o Brasil, essas duas são as mais significativas.

A partir da década de 1870, dois fatores se conjugaram para desencadear uma migração de “teuto-russos” para o Brasil. Um foi o próprio crescimento populacional, com a necessidade de buscar novas áreas de colonização. E essas áreas, muitas vezes, não foram buscadas dentro do império russo pelo fato de que a antiga hospitalidade russa para com os alemães e seus descendentes se modificou por essa época. Concretamente, na Rússia começaram a ganhar força tendências que pleiteavam uma “russificação” geral da população, com restrições à liberdade cultural nas escolas, mas, sobretudo, com o cancelamento do privilégio secular de isenção do serviço militar. Este último aspecto significou um incômodo para todos os “alemães”, mas era fatal para os menonitas, que, tanto na doutrina quanto na prática, se negavam ao serviço militar.

Esses dois fatores explicam por que a partir de meados da década de 1870 se registrasse uma imigração de “teuto-russos” do Volga para o Paraná. Um livro clássico sobre essa imigração/colonização, editado por ocasião de seu cinquentenário, em 1927, informa que um dos atrativos para a vinda ao Brasil teria sido o fato de se tratar de um país católico, motivo pelo qual parte significativa desses imigrantes era composta de católicos, mas protestantes de diversas confissões os seguiram. Além disso, o projeto contou com o apoio pessoal de D. Pedro II, o qual, algum tempo depois, demonstrou seu interesse pelo

⁵ Ibid.

empreendimento visitando-o pessoalmente e estabelecendo contato com os moradores.⁶ Eles foram espalhados em Moema, Taquary, Dona Gestrudes, Pellado, Guarauna, Botuquara, Tavares Bastos, perto de Ponta Grossa, Papagaios-Novos, Quero-Quero, Lago e Pugas, perto de Palmeira, e em Mariental e Johannisdorf, perto de Lapa, em colônias confessionais.⁷

Os dois pastores que escreveram o citado livro registram algumas supostas peculiaridades que, aparentemente, os incomodavam. Assim, informaram que entre os “teuto-russos” exercia muito poder “o conselho de homens idosos” (*der Rat der alten Männer*). Sobre ele, disseram: “O costume à subordinação às decisões desses ‘pais’ se apossou de tal forma do coração e das mentes dos colonos que até a autoridade do cura de almas, do professor, e mesmo das autoridades se curva diante delas”. Essa suposta peculiaridade, porém, só deve ter chamado a atenção dos clérigos porque eles não estavam familiarizados com a vida camponesa, de qualquer origem étnica. Mais adiante, lê-se que “em meio ao seu contexto lusobrasileiro, as colônias de alemães do Volga no Paraná constituem um pequeno mundo alemão em particular. Acostumados, desde a Rússia, a não se meter em negócios da política, e de delegar a arte da administração estatal aos governantes, eles desconhecem debates políticos e sistemas partidários. Muito raramente um alemão do Volga se ocupa com política. As conversas giram, quase sempre, em torno de igreja, escola, comunidade, família, lembranças, agricultura, gado, e também em torno de cerveja e vinho”.⁸

Essas palavras sugerem duas observações. A primeira é a de que qualquer história tradicional sobre a imigração *alemã* em geral, no Brasil, reproduz essa mesma visão – contra a qual estou escrevendo há mais de 30 anos, mas que continua viva em muitas cabeças. Ou seja, sob este aspecto, os “teuto-russos” não se distinguiriam dos demais “teuto-brasileiros”. A segunda observação diz respeito ao fato de que não há registros de uma memória negativa, traumática, sobre o passado na Rússia nem um endeusamento da

⁶ BREPOHL, Friedrich Wilh.; e FUGMANN, Wilhelm. *Die Wolgadeutschen im brasilianischen Staate Paraná*. Stuttgart: Ausland und Heimat Verlags-Aktiengesellschaft, 1927, p. 17 e segs.

⁷ Disponível em

http://www.ieclbhistoria.org.br/home/index.php?option=com_content&task=view&id=2172&Itemid=40 (acessado em 8 de setembro de 2009).

⁸ BREPOHL e FUGMANN, op. cit., p. 85 e 90, respectivamente. Algumas informações adicionais sobre a imigração de “alemães do Volga”, sobretudo católicos, para o Paraná, podem ser conferidas em MÜLLER, Estevão. *De Marienthal (Alemanha, Rússia) a Mariental (Lapa, PR): memórias da emigração dos alemães do Volga, 1878-2008*. Curitiba: Editora Champagnat, 2008.

nova vida no Brasil. Pelo contrário, muitos ficaram decepcionados com a realidade que encontraram aqui, e se arrependeram da decisão de terem deixado a Rússia. Nesse sentido, o citado livro de Werner Aulich relata que “quando em 1879 chegou ao Rio de Janeiro o pastor Wilhelm Hasenack, contratado como primeiro pastor para os teuto-russos, o ministério competente nem quis deixar viajar até o Paraná, porque muitos alemães do Volga, depois do fracasso de seus ensaios agrícolas, já estavam em vias de emigrar de novo, mas finalmente um dos funcionários do ministério opinou que, em todo caso, se devia fazer uma tentativa, desde que, talvez, o pastor conseguisse reter os colonos”.⁹

Até aqui, algumas poucas considerações sobre a imigração de e a colonização com “alemães do Volga”...

Um exemplo de imigração com número significativo de “alemães da Volínia” temos na Colônia Guarani, fundada em 1891, na fronteira oeste do Rio Grande do Sul.¹⁰ Concebida e promovida pelos republicanos que recém haviam tomado o poder no Rio Grande do Sul, o povoamento foi propositalmente misto, tanto do ponto de vista étnico quanto religioso. Os pesquisadores das fontes que registram o ingresso de pessoas naquele empreendimento colonizador encontraram representantes de, no mínimo, “15 expressões étnicas”, como escreveram ao apresentar a obra que reúne os resultados da pesquisa.¹¹ Somente pesquisas mais consistentes poderiam avaliar a importância dessa experiência multiétnica e multiconfessional para a configuração daquilo que chamei, em outro lugar, de “condutas de vida” do conjunto dessa população.¹² Com a expressão “condutas de vida” refiro-me mais ou menos àquilo que outros pesquisadores classificaram como “mentalidades”. Mas não tenho dúvidas de que essa realidade possui certa importância, pois, como mostrei em um texto publicado em 2003, a região que se desenvolveu a partir do desdobramento e da expansão da antiga Colônia Guarani – cujo centro urbano mais

⁹ AULICH, op. cit., 78.

¹⁰ Deve-se chamar a atenção para o fato de que a Colônia Guarani, localizada em território então pertencente ao município de Santo Ângelo, não é idêntica com o atual município de Guarani das Missões. A colônia original abrangia um território bem mais amplo, incluindo áreas hoje pertencentes a municípios como Senador Salgado Filho, Ubiretama, Santa Rosa, Cândido Godoy. O erro de confundir o atual município de nome semelhante com a antiga colônia foi feito, inclusive, por frei Rovílio Costa e demais editores do livro *Povoadores da Colônia Guarani, 1891-1922* (Porto Alegre: Edições EST, 2004), p. 7.

¹¹ Ibid., p. 5.

¹² GERTZ, René E. *Condutas de vida versus comportamento frente ao Estado, a partidos e a eleições*. In: COSTA, Miguel Ângelo S. da; DREHER, Martin; e CARVALHO, Enildo de M. (orgs.). *Explorando possibilidades: experiências sociais entre imigrantes alemães, seus descendentes e outros mais no Brasil Meridional*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009, p. 46-67.

expressivo é Santa Rosa – constitui, hoje em dia, a mais ecumênica do estado do Rio Grande do Sul, com a presença mais diversificada de grupos étnicos e religiosos. Nessa região, as estatísticas eleitorais, por exemplo, registram uma clara configuração política ecumênica, uma distribuição muito uniforme do espectro político, sem radicalismos ou tendências unilaterais – como penso ter mostrado no citado texto.¹³

Duas características parecem ser marcantes para esse grupo, em confronto tanto com os “alemães do Volga” quanto em relação aos alemães da Rússia em geral que vieram mais tarde – e aos quais me referirei logo a seguir. Uma primeira, deriva do fato de que quase todos vieram antes da revolução russa de 1917, o que significa que não vieram com a experiência de eventuais perseguições que possam ter vivenciado grupos de “teuto-russos” chegados posteriormente. Ainda que restrições do Estado russo em relação à autonomia cultural, e, sobretudo, a convocação para o serviço militar possam ter constituído razões para migrar, essas razões não foram as únicas, pois, no mínimo, a pressão demográfica e a perspectiva daqueles que não eram proprietários de se transformarem em tais aqui no Brasil foram motivos tão importantes quanto os primeiros. Além disso, esta última motivação fez com que também russos e poloneses da mesma região se deslocassem para o Brasil. Daí deriva outro aspecto marcante. Esses “teuto-russos” traziam da Rússia a vivência com outras etnias, sobretudo, com russos e poloneses, mas também com judeus, por exemplo.

A segunda característica significativa desse grupo foi sua filiação e também sua inserção religiosa. Na Colônia Guarani, brasileiros de origem portuguesa, poloneses, russos, evidentemente, não eram protestantes, mas os “teuto-russos” o eram em sua quase totalidade. Mesmo que nas suas origens, lá na Volínia, quase todos eles fossem luteranos, “havia batistas entre os alemães que vieram para a Volínia na década de 1860, e como os luteranos não estivessem muito bem organizados, aqueles se expandiram e chegaram a constituir cerca de um quinto da população de origem alemã”.¹⁴ Além disso, entre as citadas quinze etnias que migraram para Guarani, havia também batistas vindos da Suécia, por exemplo, membros da Assembléia de Deus, congregacionais e outros. Isso significa que os “teuto-russos” não foram os “responsáveis” – em especial, os “responsáveis” únicos –

¹³ GERTZ, René E. A Alemanha e os teuto-brasileiros. In: NEVES, Clarissa Eckert Baeta; e SOBOTTKA, Emil (orgs.). *Sociologia, pesquisa e cooperação – Achim Schrader: homenagem a um cientista social*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 115-128.

¹⁴ ELLINGSON, Irmgard Hein. *Volhynian Legacy*. Disponível em <http://www.feefhs.org/journal/9/ellingson.pdf> (acessado em 8 de setembro de 2010).

pelo estabelecimento de um grande pluralismo étnico e religioso na colônia. Mas significa que eles se inseriram num contexto que se coadunava com suas vivências plurais anteriores, na Volínia, e assim, no mínimo, deram sua contribuição para a construção de toda uma região plural e ecumênica. Ainda que talvez tenha exagerado um pouco, um “teuto-russo” escreveu o seguinte, numa recente dissertação de mestrado, sobre a importância deles dentro da Colônia Guarani: “O número de imigrantes da Volínia era tão expressivo que ocupava várias linhas, cada qual com vários quilômetros de extensão... Sua influência era tão marcante que outros alemães ou mesmo poloneses, que vieram se estabelecer no meio deles, aderiram a esse dialeto e estilo de vida”.¹⁵

E é aí que reside, no meu entender, a grande importância desse grupo para a história não só da imigração e colonização alemã, mas para a configuração de uma parte não-desprezível da sociedade gaúcha como um todo. A Colônia Guarani sofreu, como todas as “colônias” do Rio Grande do Sul, o processo que o historiador Jean Roche chamou de “enxamagem”, isto é, muitos dos próprios imigrantes deixaram a colônia para estabelecer-se em outros lugares, mas, sobretudo, seus descendentes se espalharam pela região, e mais tarde em especial para o oeste do Paraná, de onde hoje já atingem a fronteira norte do Brasil. Penso, no entanto, que a cidade de Santa Rosa e a região do Grande Santa Rosa foram as mais diretamente influenciadas pela experiência dessa colônia e de seus habitantes. Ainda que seja difícil avaliar a contribuição de cada grupo na construção dessa sociedade, os “teuto-russos”, no mínimo, participaram dela.

Chegamos, com isso, à última parte destas considerações. Quem colocar a palavra “teuto-russos” em qualquer instrumento de busca encontrará um grande número de referências a eles, mas notará que, quase sem exceção, essas referências tratam dos sofrimentos pelos quais passaram para chegar ao Brasil (e a outras partes do mundo), e de como essas adversidades foram revertidas aqui, transformando-os em cidadãos agradecidos e muito preocupados em corresponder a essa hospitalidade, com trabalho e produção material, além da fidelidade ao Estado que os acolheu. Trata-se de algo totalmente diferente daquilo de que se falou até agora – essas manifestações reproduzem a memória daqueles

¹⁵ BUSSE, Valdino. *A práxis pastoral entre imigrantes alemães e seus descendentes na região noroeste do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Faculdades EST, 2009 (dissertação de mestrado em Teologia).

“teuto-russos” que vieram após a revolução soviética de 1917. Vou, simplesmente, reproduzir alguns poucos exemplos desse tipo de manifestação.

Numa pesquisa realizada no oeste de Santa Catarina, com mais de 300 famílias “teuto-russas”, foram registradas manifestações como: “pressionaram o pai porque não era filiado no Partidão [da União Soviética]: ‘teus filhos não trabalham em comunas, e [você?] tem sua propriedade e é gerente da Cooperativa’. Este era o motivo. Daí conversei com a mulher e o pai, e decidimos sair”. Mesmo depois da saída da União Soviética e da chegada ao Brasil, em 1930, a situação foi de miséria. Colocados na Bahia, onde, “não fosse a intervenção do consulado alemão, teriam sido dizimados pelo calor e [pela] malária”, estavam “com os pés cheios de bicho de pé”. Ganharam dinheiro do consulado para uma recuperação de dois meses, no Rio de Janeiro, “depois viemos para cá. Viemos por Porto Alegre”.¹⁶

Mais ou menos na mesma época em que foi realizada essa pesquisa, duas estudantes de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina produziram um vídeo chamado "Sem Deus, sem imperador, nós por nós mesmos – da Rússia ao Brasil: a trajetória dos teuto-russos", no qual entrevistaram pessoas na mesma região do oeste de Santa Catarina. As manifestações foram muito semelhantes às aquelas anteriormente citadas: "O Stálin não respeitava a palavra de Deus e tomava nossa safra". E, a partir dos depoimentos, as autoras do vídeo relatam: “Em 1924, com a morte de Lênin, começou um período de luta feroz pelo poder. O ditador Josef Stálin venceu Leon Trotski, e assumiu o governo russo em 1929. Stálin governou com mãos de ferro para garantir o poder. Proibiu a prática religiosa, e todos foram forçados a ingressar nas comunas, frentes de trabalho em comum. A religião era praticada às escondidas. Havia perseguições e fuzilamentos, e trabalho forçado, nos campos de concentrações. A alternativa para os teuto-russos foi a fuga, ainda em 1929. Cerca de 180 famílias chegaram em 1930 no Brasil, empreendendo viagem a pé, de carroça, e de trem pela Europa até seguir de navio para o Brasil”.¹⁷

A lembrança das vivências posteriores à revolução russa de 1917 é tão marcante que na Paróquia Martin Luther, de Porto Alegre, filiada à Igreja Evangélica de Confissão

¹⁶ WERLANG, Alceu. Colonização ítalo-brasileira, teuto-brasileira e teuto-russa no oeste de Santa Catarina – Atuação da Cia. Territorial Sul-Brasil. *Cadernos do CEOM*, Chapecó, ano 13, n. 11, p. 12-53, 1999. As citações estão nas p. 44 e 45.

¹⁷ Disponível em <http://www1.an.com.br/2001/jan/03/0ane.htm> (acessado em 26 de agosto de 2010). As autoras do vídeo são Débora Tozzo e Leyla Spada.

Luterana no Brasil, se rememorou, no ano 2000, os “70 anos da imigração teuto-russa ao Brasil”. Isso significa que aqui se deu a essa imigração *posterior à revolução* um destaque tal que a história dos 53 anos anteriores, desde a primeira imigração “teuto-russa”, em 1877, para o Paraná, simplesmente ficasse esquecida, para apresentar esta última como a verdadeira (e única?) imigração “teuto-russa”. O pastor Alfredo Gutjahr, ele mesmo considerando-se um “teuto-russo”, disse o seguinte: “Mais e mais a vontade de abandonar a Rússia foi crescendo, e secretamente alastrou-se como uma epidemia entre os descendentes alemães. Sair deste inferno e desta prisão, na qual eles se sentiam inseridos. Emigrar! Sim, emigrar. Um mundo de preocupações, de incertezas, mas também de esperanças encerra-se nesta palavra. Significa despedida da pátria, da terra, da horta e do quintal, do bezerro no curral; da velha macieira que o avô ainda havia plantado. É a separação da família, de parentes e de amigos, para ir ao encontro do desconhecido, colocando em jogo a sua sobrevivência; mais do que isto, colocando em jogo a sua própria existência. Conseguiram sair via Moscou aproximadamente 5.000 pessoas; milhares não conseguiram sair e tiveram que voltar para o lugar de origem. Os pais que resistiam eram presos e levados para os campos de trabalho forçado. Os seus familiares nunca mais tiveram notícia deles. De Moscou para Riga, a capital da Letônia, de lá para Hammerstein, na Alemanha, onde ficaram alojados e receberam documentos alemães”.¹⁸

Na mesma ocasião, outro “teuto-russo”, Bertoldo Hartfelder, fez o seguinte relato: “Por volta de 1930, o meu pai já era falecido, saímos de Saratow, na Rússia, em direção ao leste para a China. Minha mãe, os irmãos dela, um dos quais era casado, estes todos adultos, e nós crianças e adolescentes (uma irmã minha, uma sobrinha, e eu com cinco anos de idade), nos pusemos em marcha. Ao sairmos de lá, deixamos para trás todos os bens que tínhamos, pensando apenas em salvar nossas vidas. A viagem foi feita com diversas dificuldades, foi feita a pé, a cavalo, trenó e trem de carga. Os 2 irmãos mais velhos ficaram para trás trazendo alimentos e agasalhos que seriam necessários durante a viagem. Certo dia, porém, foram pegos no caminho e perderam tudo o que estavam levando, e quase suas vidas também. Chegaram a estar diante de um pelotão de fuzilamento. Mas, graças a Deus, o pior não aconteceu, e eles foram presos. Alguns meses depois, conseguiram fugir do local

¹⁸ Disponível em

http://www.ieclbhistoria.org.br/home/index.php?option=com_content&task=view&id=2172&Itemid=40
(acessado em 26 de agosto de 2010).

onde ficaram retidos trabalhando, e conseguiram juntar-se a nós. Assim chegamos na cidade de Harbin, na China, e lá permanecemos cerca de 3 a 4 anos”.¹⁹

Em igual contexto de rememoração de vivências traumáticas – ainda que poucos anos depois –, foi publicado um livro com o significativo título *Escapando do paraíso vermelho: uma trajetória de milhares de quilômetros da escravidão comunista à liberdade*.²⁰ Esse tipo de relatos sobre as condições traumáticas em que “teuto-russos” se transferiram da União Soviética para o Brasil poderia ser ampliado com muitos outros exemplos, em prosa e verso. É óbvio que é difícil e, inclusive, perigoso, fazer generalizações quando se trata de grupos de seres humanos. Mas não há dúvida de que estes últimos “teuto-russos” se distinguem claramente daqueles vindos da Volínia antes da revolução russa de 1917. Pode-se imaginar que eles se caracterizem por uma mentalidade que, possivelmente, os impulsionou para uma intensa atividade econômica e de organização livre no campo da produção material, mas pode-se imaginar que, por outro lado, apresentem restrições para uma ampla aceitação do pluralismo político.

Tudo isso indica que um estudo da imigração “teuto-russa” para o Brasil deve lidar com, no mínimo, três grupos ou três facetas, ao longo do período que inicia em 1877. Ao menos é isso que sugerem as considerações aqui apresentadas. Para não haver malentendidos, volto a destacar que aqui foram apenas formuladas hipóteses, e não apresentados resultados de pesquisa. É possível que um estudo sistemático para verificar essas hipóteses indique a necessidade de sua reformulação ou até sua refutação integral. Em relação à pergunta formulada no título deste texto (se existem “teuto-russos” no Brasil?), evidentemente, deve-se responder de forma afirmativa. Para estudá-los, porém, é necessário ter clareza sobre quais “teuto-russos” se queira estudar.

¹⁹ Disponível em <http://www.mluther.org.br/imigracao/bertoldo.htm> (acessado em 10 de setembro de 2010).

²⁰ NEUMANN, Erica Margita. *Escapando do paraíso vermelho: uma trajetória de milhares de quilômetros, da escravidão comunista à liberdade*. Porto Alegre: Editora Alternativa Cultural, 2004. Mais informações sobre o mesmo tema podem ser encontradas em várias passagens de MÜLLER, Estevão. *Documentário da imigração alemã nos Estados do Paraná e Santa Catarina*. Curitiba: Editora Champagnat, 2009. Cf. também as informações disponíveis em

<http://www.mluther.org.br/imigracao/escapando%20do%20paraíso%20vermelho.htm>

e em

http://freepages.genealogy.rootsweb.ancestry.com/~neumannfamily/pt/pt_livro_publicado.htm (acessados em 10 de setembro de 2010).